



Oração Sacra

PELO REVD. PADRE FRANCISCO VALDIVINO NOGUEIRA

Haec est dies, quam fecit Dominus: exultemus et laetemur in ea—Ps. 117, 24.

Este é o dia que fez o Senhor para o nosso regosijo e para o nosso entusiasmo.

EGREGIO BISPO DIOCESANO.

EXM.^o SNR. BISPO DO MARANHÃO.

Neste momento augusto, porventura o mais solemne da nossa vida de povo civilizado, neste dia memoravel, que Deus, sem duvida, suscitou para os supremos regosijos das nossas almas e para as alegrias impetuosas dos nossos corações, é da altura vertiginosa de tres longos seculos de existencia que nós volvemos um olhar retrospectivo para as estancias longinquas do passado, onde fulguram, vivazes, numa irradiação deslumbrante de auras e de sóes os mais bellos acontecimentos da nossa historia de martyres, de heróes e de crentes.

Que somma prodigiosa de energia varonil, quantos esforços gigantescos, que de espantosa actividade foi de

mister prodigalizar na ascensão penosissima desses trescentos annos de luctas indefessas, para salvarmos da conjuração fatal dos elementos e das rudes conspirações dos homens o nosso direito de viver, e o nosso direito de ser livres nesta pequena patria idolatrada? !..

Mas tambem que scenario grandioso se desenrola hoje aos nossos olhos maravilhados!

Que largos e luminosos horizontes abrem-se á nossa contemplação da altura triumphal de tres seculos de historia! E como elles se dilatam magestosamente á nossa vista, como recuam para o alem, desmaiando as côres vivas do arrebol, até fundir-se no sereno azul da distancia infinita dos tempos, qual paisagem feerica, de finos tons delicados, que o pincel divino traçasse na téla setinosa do ceu!...

Oh! é bem um dia de grandes regosijos, é bem um dia de vibrantes enthusiasmos este em que pedimos ao passado o solemne testemunho do nosso extraordinario vigor, e damos ao presente a soberana garantia do nosso esplendido futuro!

Somos um povo educado na escola austera da adversidade, — o nosso destino é soffrer e resistir; mas somos por egual um povo entusiasta dos ideaes seductores do progresso, e o nosso destino é trabalhar e vencer. Por isso a nossa historia é ao mesmo tempo um poema de lagrimas candentes e uma odisséa de glorias immortaes.

E, cousa singular! — quando a desgraça nos empolga nas suas garras a lancis de monstro carniceiro, e nos trucidada, nos mata e nos devera, é das cinzas da miseria e da morte que nós resuscitamos mais vigorosos, mais promptos para as grandes luctas do progresso, e mais aptos e mais audazes para os grandes commettimentos sociaes.

E' que a natureza moral dos individuos reflecte a natureza physica da patria. Nós somos deveras um povo perfeitamente identificado com a natureza rude e suave desta querida terra, que nos viu nascer, que nos creou

aos beijos quentes de um sol de fogo, e em cujo maternal regaço queremos repousar no somno derradeiro.

E, com effeito, o Ceará é como um grande pedaço destes «verdes mares bravios», que Deus tivesse condensado no momento tragico de uma tempestade colossal, em que o tufão medonho escancarava abysmos insondáveis e os doidos escarcéos erguiam serranias de vagas. Serras, montanhas, cordilheiras, são como as ondas de um mar proceloso, que se vão succedendo umas ás outras, rasgando aqui, ali, além, por toda a parte, as immensas profundezas dos valles,—magnificos abysmos de verdura.

A sua natureza é um misto de asperidades selvagens e deliciosas suavidades:— ao pé da rocha dura está a flor mimosa, em frente á serra escalavrada e núa os valles perfumados, junto á savana esteril os campos verdejantes.

Mas não é assim tambem que somos nós? De certo. A rija enfiatura do nosso organismo de fortes participa desta natureza aspera e selvagem, e a fina essencia dos nossos sentimentos affectivos apura-se no ambiente mysterioso desta fecundissima gleba cearense, que até na sua configuração geographica se parece um grande coração heroico.

Bemdito seja Deus que nos fez cearenses, e nos concedeu este dia de supremo regosijo e ardente enthusiasmo—*Haec est dies, quam fecit Dominus: exultemus et laetemur in ea.*

Mil vezes bemdito na eterna duração dos seculos, porque nos dotou de clara intelligencia e nobre coração, de coragem vigorosa e mascula energia, para fazermos da patria cearense a terra legendaria da luz e da liberdade, e conquistarmos uma posição modesta, mas honrada, na fidalga communhão dos povos civilizados.

E, pois, neste dia e nesta solemnidade pompeante das galas magestosas do culto catholico, celebrando á sombra protectora do divino Tabernaculo a data tres vezes secular da nossa existencia social, e relendo, ao pé do

Sanctuario, á luz da fé inquebrantavel dos nossos antepassados, as paginas mais commoventes e os trechos mais sublimes da nossa historia, podemos dizer a Deus, profunda e sinceramente agradecidos:—Somos um povo de martyres, somos um povo de heróes, somos um povo de crentes.

Eis o grande assumpto deste pequeno discurso.

Senhor Deus! Vós, Senhor, que sois a formosa luz dos espiritos e o bello sol dos corações; que fazeis da pedra bruta rutilos diamantes e de um bloco de granito fonte de agua pura; que nas trévas da procella accendeis o brilho do relampago e nas trévas da noite a lampada da lua; illuminae, Senhor Deus, illuminae a minha intelligencia com as rubras chammas da vossa inspiração, dae-me — «um som alto e sublimado, um estylo grandiloquo e corrente, — para que a minha palavra seja hoje pelo menos a sombra reveladora das esplendidezas desta festa.

E vós, Exm.^{os} Senhores da Commissão Central, vós que não consultastes as minhas forças, quando me impuzestes honra tão subida, dispensae agora as faltas do orador, que eu, agradecido á suprema gentileza do vosso convite, abandono-me aos carinhos da vossa benevolencia e sem mais demora—principio.

*
* *

Senhores.

A historia do Ceará é um poema de dores, porque a vida dos cearenses é um martyrio de tres seculos. Martyrio immenso que se adensa na assombrosa desgraça dos tempos calamitosos, e se condensa na superlativa intensidade dos maiores soffrimentos physicos e moraes.

Disse o Espirito de luz e de verdade—é um combate sem treguas a vida do homem sobre a terra; e a experiencia de todos os dias, comprovando a sabedoria do oraculo divino, attesta que tudo no mundo conspira,

tudo trama contra o socego, a paz, a felicidade e a vida dessa creatura sublime, de porte magestoso, de fronte altiva e serena, que Deus, na sua incomparavel bondade, fadou para os altissimos destinos da soberana realza do universo.

Da pedra á planta, da planta ao verme e do verme ao proprio homem, a conspiração é franca e descoberta, a revolta é pertinaz e terrivel para abater e humilhar, para magoar e ferir, para desfibrar e perder a vida preciosa dessa entidade tão soberanamente fadada, mas tão rudemente combatida.

Para o homem, não ha duvida, viver é lutar sem quartel desde a aurora do berço ao sombrio occaso do tumulo, é soffrer sem remissão possivel, é morrer á cada instante, que a propria vida nutre-se da morte,—é um incendio phenomenal que se alimenta de uma combustão permanente.

E notae que essa lei da combatividade, reguladora severa da humana existencia, é uma lei universal, não faz excepção de pessoas, não dá privilegio a ninguem. Todos combatem, todos soffrem, todos padecem para conquistar e conservar o sacratissimo direito de viver.

Não é só o pobre que lucha para levar de vencida a fatalidade do destino cruel, os ricos tambem choram lagrimas de profundo desespero nos transees pavorosos da fortuna adversa; não é só o pequeno, o humilde, o miseravel, que soffre as tremendas vicissitudes da sorte inconstante e varia, os grandes da terra, os poderosos do mundo tambem vão do Capitolio á Rocha Tarpéa, tambem descem do throno para subir ao patibulo; não é só o individuo, enfim, que padece as fundas amarguras de uma vida de pungentes contrariedades, tambem o povo, creança de todos os tempos, victima insonte de todas as tyrannias, o povo, como o leão ferido, tambem ruge de dôr na agonia colossal das suas pasmosas desventuras e nas convulsões titanicas das suas medonhas calamidades.

Mas Deus, que decretou a lei do soffrimento na lucha pela vida, promulgou tambem a lei da compensação no

premio da virtude. — O Livro sacratissimo dos mais altos problemas da humana felicidade nos dá esta lição divina: — « Bemaventurados os pobres, felizes os que soffrem, benditos os que choram !... »

Mas porque?! Porque a a pobreza ha de transformar-se na opulencia dos magnificos dons celestes; porque o soffrimento se transmudará nas sublimidades da gloria immortal; e porque as lagrimas desabrocharão nos risos da sempiterna alegria.

E' que a dôr dilacera as fibras do coração, mas apura as peregrinas qualidades da alma; é a fonte inexgottavel das afflicções cruciantes, mas é ao mesmo tempo o alicerce adamantino das glorificações infinitas.

Foi das supremas agonias do Calvario que Jesus Christo fez a apotheose da Resurreição; e a Cruz, instrumento de ignominia e de vergonha, tornou-se para todo sempre o estandarte rutilante da sua entrada triumphal no reino das delicias eternas.

Mas o que se diz dos individuos applica-se perfeitamente ás collectividades: — a lei que engrandece os homens, glorifica as nações; a dôr que faz os grandes santos, faz tambem os povos martyres.

Temos em nós mesmos o exemplo mais frisante desta doutrina absolutamente verdadeira. O Ceará nasceu combatendo para conquistar o direito de viver, e cresceu lutando pela gloriosa conservação desse direito preciosissimo.

E que sacrificios ingentes, que de lagrimas choradas, quantas amarguras profundas, quantas dores lancinantes, que martyrio indizivel nessa lucta de todos os dias, nesse combate sem treguas para defender-se dos assaltos violentos de inimigos impalpaveis, e por isso mesmo mais tyrannicos e impiedosos?!...

E' bello cobrir-se do pó, do fumo e do sangue das batalhas para salvar das conspirações dos homens a liberdade e a honra; mas é sublime saturar-se de dor e de vergonha, vestir-se dos trapos da miseria e cahir de fome e de peste na arena do combate, luctando até

á morte para vingar da conjuração dos elementos a fortuna e a vida!

E o supplicio do povo cearense é este, é este o seu martyrio!...

Subamos, reverentes e commovidos, ao sagrado pinaculo do templo da nossa historia, lancemos a vista para o extremo horizonte dos tempos coloniaes, e veremos a fome e a guerra, a dor e a miseria, presidindo desde então os laboriosos fundamentos da nossa existencia social.

E' de lá deses tempos longinquos, dos primeiros esforços, dos primeiros e enormes sacrificios do egregio colonizador portuguez, que começa para o povo cearense a rude jornada do seu longo e extraordinario martyrio!

As crises climatericas succedem-se umas ás outras, terriveis, medonhas, espantosamente barbaras, numa voracidade assassina de monstros fabulosos. E quando ellas se declaram no periodismo fatal das calamidades previstas e inevitaveis, que espectaculo dantesco de horrores inconcebiveis!...

Parece que um sopro de maldição paira nos ares!... Revoltam-se os elementos, transtorna-se a natureza, a atmosphaera incendeia-se, na superficie concava do firmamento de bronze rutila, faiscante, o sol abrazador, e uma chuva de raios comburentes cae sobre a terra desgraçada—estancando as fontes, queimando as arvores, estorricando os campos, escaldando os valles, calcinando as lavras e matando tudo:—aves, animaes e homens!...

E, no meio de tudo isto, no meio dessa natureza, estarrecida, morta, esqueletica, barbaramente açoitada pelo sopro lethal de um vento de fornalha,—um povo de mummies, escalavrado e roto, misero proscripto, a juncar as estradas no exodo lendario, fugindo embalde aos lares desolados na ancia de viver, e morrendo pelos caminhos, famelico e pestoso, longe da terra da promessa, que revia no supremo delirio dos seus sonhos de infeliz!...

Podeis imaginar uma scena que se pareça com esta scena de horrores? Haverá, porventura, um soffrimen-

to mais intenso e mais vivo, uma dor mais cruciante e mais funda, uma desolação mais pavorosa e mais triste que a desolação, a dor e o sofrimento de um povo que se arrasta moribundo pela senda calcinada de todas as misérias, e agonisa no calvario de suas desgraças, repellido da terra mãe, que se fez madrasta, e abandonado do patrio céu, que se tornou de bronze?!...

Pois destes opprobrios todos e de todos estes tormentos fez Deus a corôa fulgurante do nosso martyrio de tres seculos!

Oh! é bem um dia de immensos regosijos e de alegrias impetuosas, este em que do alto da Cadeira sagrada podemos dizer a Deus, contentes e agradecidos:— Senhor, porque nos protegestes, somos um povo de martyres — *Haec est dies, quam fecit Dominus : exultemus et laetemur in ea!*

Mas depois do poema de dôr, o poema de gloria; depois das angustias do soffrimento, a epopéa da liberdade; depois da palavra do martyrio, a consagração do heroismo.

*
* *

Senhores.

A gloria do povo cearense é cahir como um martyr e levantar-se como um heróe.—A desgraça não lhe tolhe o fecundo espirito de iniciativa na solução dos gravissimos problemas sociaes, nem a adversidade lhe entibia os passos no luminoso caminho do progresso.

Muito embora causticado pelas irradiações flamejantes do sol tropical, e flagellado pelas rigorosas seccas devastadoras, o Ceará, sublime de heroismo, nunca se rendeu á céga tyrannia do destino; porque no seio desta natureza uberrima os desfallecimentos da covardia não medram.

A's vezes o corpo verga, tomba e cae sob o peso descommunal do infortunio, porque não somos de ferro; mas que importa?—a alma é sempre como o condor no

meio da tempestade,—abre as azas possantes e ergue o vôo altaneiro aos socegados paramos do infinito! A's vezes tambem a sombra negra dos pesares nos rouba o sereno brilho dos olhos, e choramos lagrimas sentidas, porque não somos de marmore; mas que importa ainda?—o coração é sempre como a phenix mythologica, —renasce mais varonil, mais forte e mais heroico da cinza de todas as magoas!

E quando a luz dos maximos ideiaes circumfulge nos abysmos do infortunio, qual formosissima banda de relampagos cintando uma atmospheria de trévas; quando o calor ingente dos supremos enthusiasmos desfaz a nevoa do pranto, como o disco refulgente do sol derrete a neve das montanhas; então este nobilissimo povo cearense, pugilo de gigantes num immenso paiz de bravos, levanta-se transfigurado, soberbo, titanico e solta aos quatro ventos o brado triumphal dos heróes:—Sou pobre, mas só quero luz; sou pequeno, mas só fito as alturas; nasci para a lucta, mas vivo para a gloria.—a immortalidade é minha — *Vivo ego in aeternum!*...

Perfeitamente. Na constellação fulgurante dos Estados Unidos do Brazil podem existir e existem realmente Estados mais poderosos, mais opulentos, de tradições mais pomposas, de vida mais brilhante e de historia mais vezes secular; nem um, porem, conheço eu mais fidalgo, nem um mais heroico, de tradições mais commoventes, de vida mais intensa nem de historia mais gloriosa, que o nosso amado Ceará.

Os seus grandes homens... Mas para que falar hoje nos grandes homens do Ceará?

Para que dizer que o principe dos prosadores brasileiros. o genio immortal de Alencar é filho destas plagas embalsamadas, onde os campos trajam purpura e arminho nas festas da primavera, e os verdes mares bravios vêm oscular docemente os niveos pés da linda princeza do Norte,—da mimosa filha de Iracema?

Para que mostrar que os feitos grandiosos de Sampaio e de Tiburcio pertencem á historia desta bella terra

querida, que elles tão bravamente honraram, traçando no campo das batalhas com a ponta das espadas scintillantes a orbita ideal dos immortaes?

Para que alludir ao primoroso talento e aos esforços gigantescos de muitos, de muitissimos dos seus filhos vivos, que nas luctas do pensamento e do trabalho erguem tão alto o nome cearense?

Não! Estas glorias são communs, pertencem a todos os povos, e nós temos gloria exclusivamente nossa, temos o facto capital da nossa vida de povo civilisado, —o facto refulgentissimo da abolição, que é positivamente cearense e diz a todos os povos o que somos, o que valemos, e o que podemos!

Abramos a nossa historia e leiamos esta data:— VINTE E CINCO DE MARÇO DE 1884! —Que dia de magicas fulgurações de céu estrellejado esse em que bradamos para o resto do Imperio e para o mundo inteiro:— Somos todos iguaes, não pisam mais escravos o liberrimo solo cearense !...

E' sempre uma felicidade ineffavel celebrar as datas pompeantes da patria amada; e se ellas condensam, como esta, as faiscações solares de um acontecimento excepcionalmente glorioso, de um facto que excede a tudo que o espirito pode almejar de bello, de nobre, de grande e de sublime na esphera do sentimento: neste caso a felicidade reveste as pompas de um entusiasmo, inflammando os seios da alma popular, frisa na soberana loucura dos maximos regosijos do coração.

E' este precisamente o nosso caso. Da cuspide flameante do Pulpito catholico apresentamos hoje ao mundo civilisado, e celebramos aos olhos misericordiosos do Christo Redemptor o aureo diploma da nossa honra immaculada, o titulo primacial do nosso heroismo sublimado, —o facto genuinamente cearense da abolição do captivo no Ceará e no Brazil.

E, de verdade, se hoje a tunica alvinitente da Republica Brasileira não traz a mancha ignobil da escravidão, se a senzala já não existe e a batuta infame do chicote

não rege mais a orchestra santa do trabalho, se o escravo é um mytho que sumiu-se na noite dos tempos, e a liberdade é um dogma que se impõe ao culto fervoroso dos brasileiros, se todos somos livres, se todos somos irmãos, a gloria immorredoura desta esplendida transfiguração nacional pertence de pleno e absoluto direito ao inclyto povo cearense.

Foi daqui, desta abençoada terra de Iracema que estrugiu o grito altipotente da liberdade, e percutindo as anfractuosidades das serras alcantiladas, e quebrando-se, em vagas de auroras, no oceano azul das amplidões rutilantes, foi retumbar muito alem, nos ambitos mais recuados da formosa patria brasileira.

Foi aqui, neste bello e honrado Ceará, que a faisca do patriotismo produziu o incendio da liberdade, —mas um incendio de doces calenturas de seio maternal, para o infeliz que apenas conhecia as caricias do sol no eito; um incendio de niveas claridades suavissimas de noite enluarada, para o triste que agonisava na pavorosa escuridão das senzalas malditas.

Foi este povo admiravel de civismo e de coragem, que mal cicatrizadas ainda as feridas do mortifero combate de 1877, empenhou-se com sobrehumano esforço na lucta patriótica do abolicionismo contra as columnas cerradas do poderoso exercito dos negreiros, e ganhou a estupenda victoria da liberdade, fazendo do escravo um homem livre, e do Ceará o berço illuminado de heróes tão grandes como os semideuses antigos.

Foi o nosso exemplo finalmente, exemplo de abnegação, de justiça, de brio, de patriotismo e de honra, que libertou o escravo e destruiu a escravidão no solo abençoado da patria brasileira.

TREZE DE MAIO DE 1888 é irmão gêmeo de Vinte e cinco de Março de 1884, —são ambos lidimos filhos gloriosos deste invicto e patriótico Ceará!

Que gloria pode haver maior e mais brilhante do que esta gloria soberana? Que heroismo pode existir mais bello e mais legitimo do que este heroismo sublime?

Oh! é, de certo, um dia immensamente grande e solemnemente augusto, este em que, por entre as pompas da fé e as galas do coração, podemos dizer a Deus, contentes e agradecidos: — Senhor, porque nos inspirastes, somos um povo de heróes — *Hæc est dies, quam fecit Dominus: exultemus et lætemur in ea!*

Mas nós somos tambem um povo de crentes.

*
* *

Senhores.

E' signal dos tempos que correm o odio systematico, implacavel, sacrilego com que a maior parte dos homens, hoje em dia, discreteia de Deus e sobre as coisas de Deus.

Num assomo tragico de revolta e com um orgulho fatal de anjo decahido, o homem nega a intervenção de Deus nos destinos dos povos e sustenta que a razão humana pode passar perfeitamente sem os ensinamentos luminosos da Eterna Razão immutavel.

Para que a Providencia de Deus no governo do mundo? — Basta a providencia da lei!... Para que os preceitos da moral christã na educação dos povos? — Bastam os preceitos da moral philosophica!... Se Christo morreu na Cruz, Socrates bebeu a cicuta!

E dest'arte, renegada a fé salvadora, proclama-se a soberania da sciencia, e desterra-se Deus para alem das fronteiras do mundo.

Que insania!... Mas a sciencia sem Deus, a sciencia impia não satisfaz as infinitas aspirações da alma, não enche o vacuo immenso do coração, não acalma as tempestades da consciencia nem responde as tremendas interrogações do futuro. E o homem precisa crer, porque a fé é a luz reveladora do futuro, é o balsamo da consciencia, é o thesoiro do coração, é a vida triumphal da alma.

Nada mais triste do que o homem sem fé. O seu passado é a duvida, o seu presente é a duvida ainda, e o seu futuro é

a duvida sempre. Não lhe diz nada ao coração, atrophiado e morto pela descrença, o espectaculo maravilhoso da natureza em festa:—nem lhe fala do céu.

Muito differente e bem mais inspirado é o homem que tem a felicidade de crer. Para elle o passado é um mestre de saber profundo, o presente é uma escola severa de beneficas provações, e o futuro uma bella esperança irisada dos grandes ideaes da immortalidade.

A natureza, pela voz rouca do oceano, entoando a psalmodia da morte nas aras da tempestade, e pela voz silente dos astros luminosos, celebrando a harmonia dos mundos e as maravilhas da criação no scenario magestoso do firmamento, a natureza, que é muda para o incredulo, é para o erente a soberba apotheose da eterna e necessaria existencia de um Deus creador, de um Deus infinitamente sabio, infinitamente poderoso e infinitamente bom.

Não!... A sciencia sem Deus é uma blasphemia, e a sciencia com Deus é uma prece!

Nós amamos a sciencia, mas adoramos a Deus.

E esta solemnidade incomparavel, cheia da graça e da magestade do culto catholico, é um testemunho positivo, absolutamente insuspeito da pujança da nossa fé.

Estamos aqui, vergados ao peso das nossas glorias e jubilosos de poder ostentar nobremente os titulos do nosso heroismo; estamos aqui aos pés do Rei Immortal dos seculos na religiosa compostura de um povo agradecido aos desvelos da sua Providencia; porque cremos com toda a força da nossa intelligencia e com todo o ardor dos nossos corações, cremos na Divindade triumphante de Jesus Christo, nos Dogmas intangiveis da Santa Egreja Catholica, nos ensinamentos dignificadores da Divina Religião Christã.

Cremos, e a nossa fé, sincera e ardente, não hostilisa o nosso progresso, cremos, e a nossa crença, verdadeira e profunda, não escurenta a nossa razão. Continuamos a ser o que sempre fomos, o que somos ainda hoje, e o que queremos ser para toda a vida:—um povo de altas aspi-

rações sociaes, de largos descortinos scientificos e de peregrinas virtudes christãs.

Eis ahi porque os cearenses não se envergonham de professar a excelsa Religião de Jesus Christo.

Os mais illustres, os mais eruditos, os que mais honram o Ceará pelo talento e pelo saber não se deshonram de ajoelhar perante o Deus Eucharistico, e demonstrar praticamente que nem uma incompatibilidade existe, nem pode existir entre o estudo e a prece, entre a religião e a sciencia, entre a razão e a fé.

Muito bem! E' que no deserto da vida, ora cercados de toda parte pelas trévas das grandes amarguras, ora causticados pela soalheira ardente das desgraças mais torturantes, esta Religião divina é a columna de fogo que nos allumia na noite das nossas tristezas, e é a nuvem bemfaseja que nos protege do sol das nossas dores.

Ella norteia o nosso destino, como a estrella de Bethlem a peregrinação dos Reis do Oriente em busca da Eterna Verdade. E nós seguimol-a, porque ella tem suavidades irrevelaveis para a crueza das nossas desventuras, tem energias indiziveis para a valentia do nosso heroismo, tem louros inmarcessiveis para a magestade da nossa gloria, tem applausos sempiternos para os esplendores da nossa caridade.

Amamo-la com todas as veras d'alma, porque a ella devemos a tempera adamantina do nosso character profundamente honesto, a polidez dos nossos costumes deliciosamente hospitaleiros, a fidalguia dos nossos purissimos sentimentos de honra,—toda a nossa prodigiosa vida de povo intelligente, caridoso, leal e sincero.

Adoramo-la, emfim, porque ella ensaiu os nossos primeiros passos na senda escabrosa da existencia, tem nos seguido através dos seculos, balsaminando as nossas dores e compartilhando as nossas alegrias, e está hoje, como sempre, abençoando e consagrando o nosso entusiasmo no momento mais augusto da nossa vida, e no dia mais solemne da nossa historia.

Oh! é deveras o momento mais augusto da nossa vida e o dia mais solemne da nossa historia este em que, por entre as harmonias do orgão e as melodias dos hymnos gratulatorios, podemos dizer a Deus, cortentes e agradecidos:—Senhor, porque nos instruistes, somos um povo de crentes. - *Hæc est dies, quam fecit Dominus: exullemus et lætemur in ea.*

Mas o que nos cumpre fazer diante de tantos e tão valiosos testemunhos dos desvelos da Providencia na guarda dos nossos destinos?

Cumpre adorarmos a Deus na vehemencia da nossa gratidão e na intransigencia da nossa lealdade christã; e para que não nos deshonre o orgulho fatal destes tempos de apostasia, cumpre dizermos a Jesus Christo, o divino Prisoneiro do nosso amor:—Senhor para nos tornar felizes, para nos deificar escondeste nas humilhações infinitas da Eucharistia as infinitas magnificencias da Tua gloriosa Magestade, porque só Tu és Santo, só Tu és Bom, só Tu és o Altissimo Bem amado dos nossos corações fieis!

Continúa, pois, Senhor, continúa ahi desses abysmos profundos do teu amor a dar-nos o excelso testemunho da Tua predileção, e a dominar com absoluta e dulcissima tyrannia a nossa intelligeucia e a nossa vontade, para que perseveremos sempre distinctos, sempre invenciveis no soffrimento, no heroismo e na fé.

Para Tua gloria, oh adoravel Filho de Deus, e para a nossa felicidade, oh divino Filho de Maria, Te pedimos esta graça, Te rogamos este favor, nós que na perenne duração dos seculos eternos queremos Te louvar, queremos Te confessar no céo, assim como Te louvamos e Te confessamos hoje na terra.

Te Deum laudamus. Te Dominum confitemur.

31 de Julho de 1903, dia da commemoração do Tricentenário da vinda dos primeiros Portuguezes ao Ceará.